'Beethoven brasileiro'

A 'VOLTA' DE MESQUITINHA

Em livro que será lançado em 2014, o músico e pesquisador Antonio Augusto conta como Henrique Alves de Mesquita, um dos principais compositores do Império e criador do tango brasileiro, caiu no esquecimento após brigas e o advento do modernismo

GUSTAVO AUTRAN
gustavo.autran@oglobo.com.br

Em uma das suas primeiras crônicas publicadas, Machado de Assis se referiu a ele como o "possível Beethoven brasileiro". Carioca nascido na Ladeira do Castelo, Henrique Alves de Mesquita (1830-1906) foi o primeiro músico do Brasil a ganhar uma bolsa para estudar em Paris, a convite de Dom Pedro II, que, a propósito, era seu fã. Homenageado por Ernesto Nazareth na música "Mesquitinha" (1914), ele também ficou conhecido como o criador do tango brasileiro, gênero que ajudou a formar as bases do maxixe. Difícil entender como um dos compositores e regentes mais relevantes dos tempos do Império possa ter caído no ostracismo. Isso é o que o músico, professor e pesquisador Antonio Augusto pretende esclarecer no livro "Henrique Alves de Mesquita: da pérola mais luminosa à poeira do esquecimento", previsto para março de 2014 pela editora Folha Seca.

— Ele era um músico com sólida formação acadêmica, que inspirou Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. Compôs para orquestra e escreveu música sacra. É dele a primeira peça para trompete e piano no Brasil, "Fantasia para piston", de 1854 — explica o autor, integrante do grupo Art Metal Quinteto, que acaba de lançar um CD dedicado à obra do compositor.

REPRODUÇÃO

Temperamental. Querido por Dom Pedro II, Mesquita, encrenqueiro, acabou esquecido, diz Augusto (acima, à direita)

DANIELA DACORSO

Ainda jovem, Mesquita demonstrou ter outra grande vocação: a de se meter em encrenca. Em 1854, passou uma noite na cadeia depois de interromper uma récita para distribuir sopapos na plateia do antigo Teatro Provisório, que funcionava no Campo de Santana. O músico não levou na esportiva as provocações dos fãs da cantora lírica Annetta Casaloni, inconformados com o fato de Mesquita ter dado uma pulseira e um colar de brilhantes para Madame Charton, rival da diva.

O incidente não impediu que sua carreira decolasse. Três anos mais tarde, foi para a França, estudar no Conservatório de Paris — a mais prestigiada instituição de ensino musical do mundo na época. A viagem foi patrocinada por Dom Pedro II, que conheceu Mesquita por intermédio do maestro Francisco Manuel da Silva (1795-1865), autor da melodia do Hino Nacional. Lá, estudou com o compositor François Emmanuel Joseph Bazin (1816-1878), professor de Georges Bizet (1838-1875), e compôs obras como a abertura sinfônica "Étoile du Brésil" e a ópera "O vagabundo".

Tudo ia bem até o músico se envolver em nova confusão — na verdade, uma aventura amorosa nunca totalmente esclarecida. O problema foi que esse obscuro episódio, que resultou em uma condenação por "crime de galanteio" em 1863, custou-lhe três anos de prisão na França. Em dezembro de 2012, Antonio Augusto foi até Paris para tentar reconstituir a história.

— Mas o lote onde estava a documentação referente ao processo foi destruído em um incêndio no Arquivo Nacional de Paris — lamenta o autor.

De volta ao Brasil, em julho de 1866, Mesquita perdeu o apoio de Dom Pedro II e a relevância para a elite do Império. Foi então que se aproximou dos gêneros populares do teatro musicado. Em 1871, criou duas composições que disputam o posto de primeiro tango brasileiro: "Olhos matadores", hoje perdida, e "Ali Babá".

— Ele abrasileirou a habanera cubana, que havia conhecido na França. Criou um gênero menos sacudido, com duração efêmera, mas que desembocou no maxixe e foi absorvido pelo universo do choro — explica o pesquisador Jairo Severiano, autor de "Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade".

BRIGA NO CONSERVATÓRIO

Antonio Augusto já tinha feito um levantamento sobre a vida de Mesquita enquanto escrevia seu primeiro livro, sobre a trajetória de Carlos Severiano Cavalier Darbilly, antigo professor do Conservatório de Música do Império, que foi impedido de dar aulas na instituição oficial após a Proclamação da República, em 1889. Com a queda da monarquia, a escola passou a se chamar Instituto Nacional de Música, sob o comando do maestro Leopoldo Miguez.

— Miguez era um positivista radical e quis tirar dali todos os envolvidos com a música popular. Tentou fazer o mesmo com o Mesquita, mas não conseguiu porque o (sociólogo) Saldanha Marinho interveio a seu favor — conta Augusto.

A briga é uma das chaves que ajudam a desvendar o gradativo sumiço do compositor, mas não teria sido o único motivo.

— O modernismo desqualificou a produção musical do século XIX, acusada de importar valores europeus. Ele criou a crença de que a música genuinamente brasileira tinha origens no barroco mineiro do século XVIII — conclui Augusto. ●

Prêmio fazDIFERENÇA O GLOBO

TEATRO

VOTE EM QUEM MAIS SE DESTACOU NA CATEGORIA TEATRO.

INDICADOS:
MARIETA SEVERO
JÔ BILAC
BÁRBARA HELIODORA

VOTE ATÉ O DIA 12/JANEIRO NO SITE OGLOBO.COM.BR/FAZDIFERENCA

Sistema FIRJAN
INFORMA. FORMA. TRANSFORMA.

O GLOBO
MUITO ALÉM DO PAPEL DE UM JORNAL